



ESTUDO DIRIGIDO PSI

CURSO PREPARATÓRIO CONCURSOS 2017

➤ **“A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose”**

**Texto: “A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose” S. Freud (1924) (vol. XIX)**

Freud começa o texto lembrando a tese do texto anterior, de que na neurose o ego preserva a influência da realidade em detrimento do id, e na psicose predomina o id, e que, portanto, haveria perda da realidade na psicose, mas esta perda seria evitada na neurose. Isso não é correto, diz ele: “toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade servindo-lhe de um meio de se afastar da realidade”.

Resolve-se essa contradição observando-se que é apenas no começo da neurose que a realidade é preservada. No começo da neurose, o ego, a serviço da realidade, reprime (recalca) um “impulso instintual” (moção pulsional). Mas isso ainda não é a neurose propriamente dita. A neurose consiste na reação à repressão (recalcamento) e no fracasso da repressão (recalcamento). [Isto é, o retorno do recalcado.] Esse segundo passo acarreta um afrouxamento da relação com a realidade, uma perda da realidade também na neurose, que afeta exatamente aquele fragmento de realidade cujas exigências levaram à repressão.

Freud cita o caso de uma jovem que, enamorada de seu cunhado, quando da morte da irmã, pensou que agora o cunhado poderia casar com ela. Essa cena foi esquecida e foram desencadeados os sintomas histéricos – a repressão foi sobre “o valor da mudança que ocorrera na realidade, reprimindo a exigência instintual” [pulsional, do id], o amor pelo cunhado. “A reação *psicótica* teria sido uma rejeição do fato da morte da irmã”.

“... poderíamos esperar que também na psicose duas etapas pudessem ser discernidas”: na primeira etapa o ego é arrastado para longe da realidade, “enquanto a segunda tentaria reparar o dano causado e restabelecer as relações do indivíduo com a realidade às expensas do id” (ou seja: sacrificando o id). Freud diz que há de fato duas etapas e que a segunda destina-se a reparar a perda da realidade; “mas não às expensas de uma restrição ao id – como acontece na neurose às expensas da relação com a realidade – senão de uma outra maneira, mais autocrática, pela criação de uma nova realidade (...)”. Nos dois casos (neurose e psicose) o segundo passo serve ao poder do id de não se deixar ditar pela realidade (na neurose, pelo retorno do recalcado com perda da realidade; na psicose, onde já houve perda de realidade no começo, pela criação de uma nova realidade). Ambas expressam a rebelião do id contra o mundo externo, sua indisposição de adaptar-se à realidade.

No desfecho da neurose, um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga; no desfecho da psicose, a realidade é remodelada. Na psicose, há fuga inicial da realidade e depois remodelamento. Na neurose, há obediência inicial à realidade e depois tentativa de fuga. “Ou ainda, expresso de outro modo: a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la”. [Observe-se que nos dois casos há perda da realidade.]

Freud diz que um comportamento normal seria a combinação de características de ambas: “se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas depois se esforça, como faz uma psicose, por efetuar uma alteração dessa realidade”. Mas, fazendo a ressalva de que essa alteração deve ser “pela realidade do trabalho no mundo” (não, como na psicose, pelo remodelamento “interno”, que ele chamou antes de autocrático – não “autoplástico”, mas “aloplástico”).

Na psicose, o remodelamento da realidade é feito pelos “precipitados psíquicos” das antigas relações com ela – as lembranças, ideias e julgamentos anteriores. Mas como essas percepções sempre se renovam, a psicose precisa conseguir produzir percepções adequadas à nova realidade – são as alucinações. As alucinações, delírios e paramnésias se acompanham de um sentimento aflitivo e de ansiedade porque a este



remodelamento “autocrático” se opõe o fragmento de realidade que foi rejeitado, fragmento este que tenta se impor à mente, tal como, na neurose, o instinto reprimido o faz.

Nos dois casos a segunda etapa é parcialmente malsucedida: na neurose, o instinto reprimido não consegue um substituto completo; na psicose, a realidade não é remodelada em formas satisfatórias. Mas a ênfase é diferente em cada uma: na psicose, a primeira etapa (fuga da realidade) é patológica em si própria; na neurose, a primeira etapa (repressão do id em obediência à realidade) pode alcançar êxito sem sair dos limites da saúde (mas não sem um certo preço) (a doença neurótica só se configura mesmo na segunda etapa, o retorno do recalçado). Essas e outras diferenças devem-se à “diferença topográfica” (de lugares psíquicos) inicial: se, no conflito inicial, o ego rendeu-se à sua lealdade ao mundo real [neurose] ou à sua dependência do id [psicose].

Se é verdade que uma neurose se contenta em evitar o fragmento de realidade e proteger-se de entrar em contato com ele [ou seja, teoricamente não chegando a construir uma nova realidade, como na psicose], no entanto a distinção nítida entre ela e a psicose é enfraquecida pelo fato de que “também na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo”. Isso é feito pelo “mundo da fantasia”, que ficou “separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade; (...) ele não é inacessível ao ego, mas só frouxamente ligado a ele”, e vem da fantasia o material das construções do neurótico.

O novo e imaginário mundo externo criado na psicose tenta colocar-se no lugar da realidade externa; o da neurose é como o brinquedo das crianças, pode ligar-se a um fragmento da realidade, emprestando-lhe uma importância especial e um significado secreto. “Vemos, assim, que tanto na neurose quanto na psicose interessa a questão não apenas relativa a uma *perda da realidade*, mas também a um *substituto para a realidade*”.